



Contrapontos religiosos em *Clarissa*, de Erico Verissimo

Religious counterpoints in *Clarissa*, by Erico Verissimo

Osmar Pereira Oliva*

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) | Montes Claros, Brasil
osmar.oliva@unimontes.br

Resumo: O romance *Clarissa*, de Erico Verissimo, publicado inicialmente em 1933, apresenta ao leitor uma galeria de tipos humanos que representam diversas identidades, concentradas em um só espaço, a pensão da tia Zina. Dentro desse microcosmo social brasileiro, no contexto histórico muito próximo da primeira guerra mundial, do crash da bolsa de valores de Nova York e da Era Vargas, o autor constrói personagens que poderiam ter existido nesse período, que poderiam ter sido seus conhecidos, como o judeu Levinsky e o protestante Gamaliel. Já nesse romance de iniciação, Verissimo investe na técnica do contraponto, recurso recorrente em toda a sua ficção, a fim de levar o seu leitor a uma dialética sobre questões históricas, econômicas, religiosas e afetivas. Este trabalho propõe, portanto, uma análise literária das representações do judeu e do protestante, articulada a essa contraposição.

Palavras-chave: Erico Verissimo. *Clarissa*. Imigração.

Abstract: the novel *Clarissa*, by Erico Verissimo, first published in 1933, introduces the reader to a gallery of human types which represent a number of identities, concentrated in a single space, tia Zina's inn. Within this Brazilian social microcosm, in a historical context very close to the First World War, to the Wall Street Crash and to the Vargas Era, the author constructs characters that could have existed in this period, that could have been your acquaintances, like the jewish Levinsky and the protestant Gamaliel. In this initiation novel, Verissimo already invests in the technique of counterpoint, a recurrent resource in all his fiction, in order to lead the reader to a dialectics about historical, economical, religious and affective issues. Therefore, this paper proposes a literary analysis of jewish and protestant representations, articulated to this counter position.

Keywords: Erico Verissimo. *Clarissa*. Immigration.

1 Experiência e observação da realidade na construção ficcional

A década de 30, no Brasil, foi bastante fecunda, favorecendo o surgimento de grandes romancistas, como José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Rachel de Queirós, Cyro dos Anjos, dentre outros. Na região sul do país, despontava Erico Verissimo com um romance sobre a adolescência, manifestando, desde a

* Professor no Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros.



iniciação, o seu gosto pelo rigor da descrição, pela minúcia da fotografia, em posição realista que assegura a verossimilhança do cenário retratado e dos seres que nele se movimentam.

Na maior parte dos seus romances, por meio de um narrador em 3ª pessoa, o autor expõe o enredo e descreve personagens e espaços como se estivesse distante deles à maneira de um cronista, que se pretende ao mesmo tempo onisciente e imparcial. Essa técnica narrativa o aproxima dos autores realistas, e se amplia pelo uso da memória coletiva do Rio Grande do Sul, pelos ecos das suas experiências individuais e, em algumas narrativas, pelo diálogo direto com personagens e fatos históricos de fácil reconhecimento por parte do leitor.

Erico Verissimo nasceu em 1905, no município de Cruz Alta, interior do Rio Grande do Sul. Bem jovem começou a trabalhar para ajudar na manutenção da família, com a separação dos pais. Estudou em um colégio protestante e teve aulas particulares na convivência de jovens imigrantes judeus. Colaborou nos jornais de *Notícias*, *Correio do povo* e trabalhou na revista e na livraria *O globo*. Sua produção literária é bastante ampla, destacando-se, somente na década de 1930, *Clarissa* (1933), *Caminhos cruzados* (1935), *Música ao longe* (1936), *Um lugar ao sol* (1936) e *Olhai os lírios no campo* (1938). Escreveu contos, narrativas infantis, narrativas de viagens, romances, crítica literária e realizou mais de uma dezena de traduções.

Clarissa (1933) tem sido alvo da crítica literária principalmente quanto à temática da representação do feminino, o que é justificável pela personagem protagonista ser uma adolescente que vai se descobrindo mulher, muito lentamente, e pela observação quase ingênua das demais pessoas com as quais convive; mas sem perder de vista uma reflexão sobre suas condições existenciais, sobrevivendo à monotonia de uma casa de pensão, sem grandes aspirações e desejos. Em linhas gerais, todas as demais personagens passam pela casa da tia Zina sem desestabilizar aquele microcosmo, sem romper com a ordem do mundo. Flávio Loureiro Chaves, no seu texto “Releituras de *Clarissa*”¹, afirma que

o romance sempre conta uma história de ficção que o seu autor criou a partir das angústias, insatisfações ou alegrias que a realidade lhe ofereceu. As personagens inventadas serão projeções da sua experiência no mundo real transposto para a ficção².

No entanto, por trás desses seres imaginários, podem-se notar ecos provenientes da experiência do escritor que os criou. Memória e invenção são os elementos mais recorrentes em sua produção literária, e o autor de Cruz Alta jamais escondeu dos

¹ VERISSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Globo, 1997. Prefácio.

² CHAVES in VERISSIMO, 1997, p. VI.



seus leitores os seus processos criativos e as suas influências recebidas de ficcionistas de vertente realista, como em entrevista e no livro de memórias *Solo de clarineta* (1973). Ao discutir a verossimilhança do romance, a partir da personagem de ficção, Antonio Candido nos chamou a atenção para essa relação inequívoca entre o ser vivo e o ser ficcional. A personagem deve nos dar a impressão de que vive, de que mantém certas relações com a realidade do mundo, “participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida”³.

Pelo método da observação, o autor pode tomar um modelo na realidade, acrescentando a ele, no plano psicológico, a sua incógnita pessoal. E aí reside a capacidade criadora de um bom autor, partir da experiência para atingir a transcendência, a tal ponto que as marcas do real se dispersem como invenção. Nesse sentido, arremata Candido, o grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção, de tal forma que as personagens não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.

Inevitavelmente, cada escritor possui as suas fixações da memória, e é desse reduto psíquico que saem as personagens, transformadas, germinadas de sementes sugestivas, advindas da realidade individual do romancista ou do mundo que o cerca. Para o crítico literário se posicionar sobre o processo de criação da personagem, deve orientar-se pelas informações prestadas pelo próprio autor (tomando o cuidado de não aceitar plenamente as suas confissões como verdades) ou por meio de fontes documentais (entrevistas, anotações, manuscritos etc).

No caso específico deste trabalho, propomos uma interpretação literária de duas personagens do romance *Clarissa*: o judeu Maurício Levinsky e o protestante Gamaliel, com o objetivo de refletir como a construção desses dois seres de papel pode vincular-se a um modo de vida e a uma problematização dialética sobre religião e cultura que envolviam também o escritor Erico Verissimo.

Nesse período, primeiros anos de 1930, Getúlio Vargas era o presidente do Brasil e recebia a simpatia de católicos, pela admiração ao seu autoritarismo ou pela sua postura anti-comunista. Erico Verissimo procurou afastar-se dessa bipolarização e do enfrentamento direto de um posicionamento político. Em sua ficção, são inúmeras as representações de personagens que se vinculam aos ideais autoritários, conservadores ou aos ideais comunistas, liberais, tornando-se impossível demarcar um só polo ideológico.

Não é leviandade pensar que o catolicismo simpatizou com o autoritarismo e, por extensão, com o antissemitismo, por questões religiosas, assim como rivalizou com o protestantismo. Por associação, podemos compreender o sentimento afetivo de Erico Verissimo tanto por judeus quanto por protestantes, por serem perseguidos e

³ CANDIDO, 1976, p. 65.



marginalizados pelos católicos conservadores e pelos governos autoritários. Ou, em linhas gerais, sua busca insistente era mesmo pela tentativa de compreensão do homem, em suas eternas contradições, cada qual em defesa de suas verdades individuais.

Quanto ao protestantismo, em *Solo de clarineta*, temos a confissão do autor por essa simpatia; referindo-se aos tempos de colégio, informa-nos: “comecei a comparar o que via do protestantismo com o que sabia do catolicismo e achei um saldo favorável aos seguidores de Lutero. O protestantismo me parecia mais próximo da simplicidade cristã: mais claro, mais singelo, menos mórbido por um lado e menos pomposo por outro”⁴. Dessas aulas, certamente, lhe saíram muitas das citações bíblicas que Gamaliel, o protestante em *Clarissa*, cita de cor na tentativa de evangelizar os moradores da pensão. Em cada situação que o narrador o envolve, o prático de farmácia recorre a um fragmento bíblico para ilustrar suas verdades religiosas.

No colégio Cruzeiro do Sul, o jovem Erico Verissimo ouviu atento muitos sermões, chegando a aprender de cor alguns hinos protestantes. O que não quer dizer que fosse um convertido. Antes, o Deus que os católicos e que os protestantes pregavam não lhe dava respostas para as suas inquietudes existenciais. Em sua opinião, Jesus Cristo era a figura humana de sua maior simpatia, mas a vida continuava a ser, para o escritor cruzaltense, o maior mistério, o mais impenetrável enigma, de forma que as religiões lhe davam explicações simples demais para os fenômenos complexos que envolvem o homem.

2 Imigração judaica e representações de judeus na ficção de Erico Verissimo

Adelgício José Silva, em sua dissertação de mestrado “O imigrante judeu na obra de Erico Verissimo: e seu papel na formação da sociedade brasileira” (2007) apresenta-nos um interessante panorama sobre representações de judeus na literatura luso-brasileira, a partir dos autos vicentinos até os tempos modernos. Em sua pesquisa, também obtemos informações importantes sobre a presença histórica de judeus na terra e no tempo de Erico Verissimo, autor objeto deste trabalho.

Conforme esse pesquisador, desde 1891, o barão Maurice Hirsch e sua esposa Clara Bichoffsh investiram recursos financeiros para a fundação de uma associação de colonos judeus nas américas, o que contribuiu para a chegada, em 1904, dos primeiros judeus ao Rio Grande do Sul, na Colônia de Phillippon, próxima a Santa Maria. Eram, aproximadamente, 37 famílias judaicas.

No livro de memórias *Solo de clarineta*(I volume, 1973; II volume, 1976 – edição póstuma organizada por Flávio Loureiro Chaves) o autor gaúcho expõe sua filiação

⁴ VERISSIMO, 1974, p. 116.



socialista democrática, sua denúncia à perseguição de judeus e também nos informa que a personagem Toríbio Cambará, de *O tempo e o vento* foi construída a partir de um modelo vivo: o seu tio Nestor Veríssimo. É nesse livro de memórias que Erico Verissimo nos traz esclarecimentos sobre sua formação literária, sobre os processos criativos e sobre o seu envolvimento sentimental com os judeus, pois frequentou aulas com adolescentes e jovens da diáspora judaica, dentre os quais alguns se tornaram seus melhores amigos, como Maurício Rosenblat, que pode, muito bem, ter sido aproveitado como modelo para a personagem ficcional Maurício Levinsky.

Desse grupo de estudantes, muitos outros podem ter sido as sementes que geraram outros judeus na produção literária de Verissimo, como Nathan Grinberg, Gildo Rosenfeld, Moisés, Stein e sua família (todos de *O tempo e o vento*), Simão e Dibov (*Olhai os lírios do campo*), Marcus Silberstein (*Saga*) e Augusta Schneider (*O senhor embaixador*). Em *Israel em abril* (1969), um dos seus 4 livros de viagens, Erico Verissimo problematiza se a judaicidade deixará de ser cultura e passará a ser vista como civilização, confirmando que a diáspora judaica sempre existirá. Como se vê, a questão judaica foi uma constante em sua vida e em sua vasta obra.

Informações biográficas sobre Maurício Rosenblat e suas relações afetivas com Erico Verissimo nos são dadas por Eduardo dos Santos Chaves, em seu texto “Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblat” (2013). Rosenblat nasceu em maio de 1906, num lugarejo judaico da Argentina. Migrou-se aos 15 anos para Santa Maria – RS; de lá, muda-se três anos depois para Cruz Alta, onde conviverá com Erico Verissimo até a sua morte, em amizade inabalável, compartilhando experiências de vida, preferências literárias e musicais muito semelhantes. Sobre sua judeidade, assim se manifestou, em depoimento ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, em 1988:

Afirmo meu judaísmo, não tenho porque negar o meu judaísmo, mas não me sinto obrigado a ser judeu e ser sionista: não me sinto obrigado a ser judeu e ser ortodoxo; não me sinto obrigado a ser judeu e ir à sinagoga e não me sinto obrigado a ser judeu e não comer carne de porco. No meu conceito de judaísmo, não é nisto que se forma a condição de ser judeu. Para mim, ser judeu é outra história. É uma história com raízes mais compridas, mais longas, mais sérias⁵.

Esse depoimento se aproxima da opinião de muitos outros judeus sobre a condição judaica, no Rio Grande do Sul, e é aproveitada na construção da personagem ficcional Maurício Levinsky, judeu não ortodoxo e comunista. Na seguinte passagem,

⁵ Citado por CHAVES, 2013, p. 124.



temos a apresentação dessa figuração, sintetizando, por meio da ficção, traços do amigo real de Erico Verissimo que trazia em sua memória:

Levinsky passou a noite em claro, estudando um ponto de Direito Internacional Privado. (...) Levinsky espicha o pescoço. Faz uma dissertação sobre a matéria, enquanto a sua mão sardenta corta o ar em gestos largos. Os olhos de Amaro estão voltados para o interlocutor. Sua atenção, porém, se concentra toda num trecho da Nona Sinfonia que a Orquestra Sinfônica de Amsterdam toca em sua mente. O coro rompe num hino triunfal. A cabeleira ruiva do judeu palpita ao vento como uma chama. A batuta do maestro sobe e desce em gestos rítmicos. A mão de Levinsky risca no espaço desenhos desordenados.⁶

Poética fotografia da memória, o trecho romanesco nos traz, do passado do escritor cruzaltense, um amigo de sua infância e uma arte que os envolvia completo, que os aproximou desde a adolescência: a música erudita clássica; tanto que a figuração do judeu se confunde com a imagem do maestro da orquestra sinfônica, ambas produtos etéreos de uma lembrança tardia, fragmentada, dispersa.

Em outro momento da narrativa, a dona da pensão observa aos demais presentes que o judeu está sempre de luz acesa, estudando. Segundo ela, é o que gasta mais, porque fica acordado até de madrugada. Assim, vemos esboçado seu perfil físico e suas atitudes frente ao mundo que o cerca, compenetrado e questionador das desigualdades sociais. No capítulo 9, todos os pensionistas estão à mesa para o jantar; Levinsky e Nestor discutem fervorosamente:

A cabeleira ruiva do judeu se agita como uma labareda. Nestor gesticula, dá murros no ar, empunhando uma faca, com ar agressivo.

_ Bem faz o Hitler que está botando os judeus para fora da Alemanha!

Maurício Levinsky, muito vermelho, espeta o garfo com fúria numa batata cozida.

_ Graças aos israelitas a Alemanha é hoje em dia uma grande potência.

Nestor faz gesto de desprezo:

_ Ouvi dizer que foram vocês que provocaram a guerra! Pura ganância⁷.

⁶ VERISSIMO, 1997, p. 4.

⁷ VERISSIMO, 1997, p. 54.



Em toda a narrativa, a representação do judeu é realizada com o uso reiterado do adjetivo “vermelho” e seus demais termos cognatos “ruivo”, “tomate”, “labareda”, “chama”, “sardenta”. Às vezes, desce a escada, silencioso como um fantasma. Erico Verissimo trabalhou sugestivamente essa cadeia semântica para evocar a tragédia judaica dos campos de concentração e dos exílios. O adjetivo vermelho na caracterização da personagem judia conduz o leitor ao sangue derramado no extermínio de milhões de judeus, ao mesmo tempo em que reconstrói imagetivamente as câmaras de gás e as chamas que devoraram os corpos desses israelitas perseguidos. Seu garfo espeta com fúria uma batata, único alimento concedido aos judeus nos campos de concentração. Quando Levinsky adentra a casa de pensão, figurativamente, o fogo está sobre a sua cabeça, em seu corpo, em seus discursos. Ele é a própria metáfora do judeu queimado, em labareda, para que o leitor nunca se esqueça desse horrífico acontecimento.

Nessa discussão, Nestor simboliza o perseguidor, armado com faca, agressivo, dando murros e proferindo seu discurso de ódio contra os judeus. É como um eco, uma caixa de ressonância das vozes de antissemitas espalhados em todo o mundo, para os quais os judeus ainda são culpados pelas guerras, pelo acúmulo de capital e pela morte de Jesus Cristo, como acusam algumas personagens de *Clarissa*.

No entanto, Erico Verissimo procurou se afastar dessa visão preconceituosa que se tem, geralmente, do judeu. Ele não é mais uma caricatura, um judas traidor, ganancioso, rico e avarento. É, como as demais personagens que habitam a pensão da tia Zina, um homem comum, com seus dilemas e anseios. Importa ao narrador trazer sobre o judeu um foco de luz que mais revele a sua ideologia socialista e menos a sua religião.

Em alguns momentos da narrativa, vemo-lo discutir questões judaicas com Gamaliel, o protestante, já que ambos possuem concepções diversas e contrárias a respeito do Messias, mas a dialética não se resolve. Dependendo do ponto de vista, cada um está certo, a sua maneira, e Erico Verissimo manifestou o seu respeito sobre essas religiões que conhecia pelas experiências reais que teve com amigos muito próximos a ele.

Nesse jantar, as críticas se avultam. Além da questão judaica, o Tio Couto, que não tem voz ativa no romance, intervém na discussão entre o judeu e Nestor, contra-argumentando que era preciso endireitar o nosso país, em vez de atacar as outras nações. Segundo ele, a inflação alta e os desempregos são consequências dos desgovernos. O tempo da narrativa é quase o mesmo tempo de publicação do romance. Quando o menino Tônico morre, na cruz de madeira fica a inscrição: “Aqui jaz ANTONIO DA CONCEIÇÃO BARBOSA – 1921 – 1932 – Orai por ele”⁸. Com essa informação, podemos interpretar a crítica feita pelo narrador ao governo de Getúlio

⁸ VERISSIMO, 1997, p. 165.



Vargas, de orientação autoritária, fascista e conservador, como se a voz do autor se alinhasse à voz das personagens nessa denúncia dos desgovernos⁹.

Considerando que a ficção de Erico Verissimo se constitui com aproveitamento da memória pessoal e coletiva do Rio Grande do Sul, Maria da Glória Bordini mostrou-nos a amizade que Verissimo estabeleceu com Herbert Caro, um judeu alemão vindo de Berlim, em 1935, fugindo da perseguição nazista. Em Porto Alegre, colaborou com a Livraria e posterior Editora *O Globo*, como tradutor de literatura alemã. Caro era formado em Direito e muito apaixonado por música clássica erudita. Tornou-se amigo próximo de Erico Verissimo, com quem se correspondeu durante a estada do escritor gaúcho no estrangeiro, como afirma a pesquisadora:

Foi da convivência na Globo que se originou uma amizade duradoura entre Erico Verissimo e Herbert Caro. Desde os anos 40, quando se conheceram por razões profissionais, até o falecimento de Erico, em 1975, os dois mantiveram um relacionamento muito franco e confiante, em que de lado a lado houve a troca de estímulos mútuos, de conhecimentos e de experiências de vida, bem como o estabelecimento de fortes laços afetivos entre as duas famílias, que permaneceram em contato mesmo à distância, quando as viagens de Erico o afastaram do Brasil, por vezes durante vários anos.¹⁰

Em seu texto, Maria da Glória Bordini indica o ano de 1933 como sendo a data de chegada de Herbert Caro ao Brasil, o que reforçaria ainda mais a hipótese de ter fornecido dados para a representação do judeu Levinsky. Outras fontes, no entanto, afirmam que era o ano de 1935. Importa-nos reiterar que Erico Verissimo já se relacionava com outros judeus desde a juventude, os quais lhe forneceram elementos suficientes para a construção dessa personagem foco neste artigo.

4 Representação do protestante em *Clarissa*

A história da imigração brasileira é por demais ampla e diversificada. Até mesmo em um segmento nacional, no caso alemão, havia grupos muito diferentes que chegaram

⁹ A “Era Vargas” durou de 1930 a 1945. Da Proclamação da República (1889) até 1930, o governo do país alternava entre representantes de Minas Gerais e de São Paulo, configurando a conhecida política do “café com leite”. O então presidente Washington Luís rompeu com essa aliança, ao nomear outro paulista seu sucessor. Em represália, os governos de Minas Gerais, da Paraíba e do Rio Grande do Sul se uniram, formando a Aliança Libertadora, constituída de oligarcas e militares desses Estados. Esse movimento desencadeou a chamada Revolução de 30, a qual impôs Getúlio Vargas na presidência do país.

¹⁰ BORDINI, 2007, p. 15.



ao Brasil desde 1824, durante a colonização do Rio Grande do Sul. No convívio com a população local, para facilitar a socialização, os imigrantes eram tratados como os “estrangeiros”, ou os “alemães”, o que possibilitava menor carga de preconceito quanto a sua cultura e religiões, já que muitos professavam a religião judaica, outros a religião católica e outros a religião protestante, de origem luterana.

A esse respeito, ver o interessante e profícuo estudo de René E. Gertz, “Os luteranos no Brasil”, no qual apresenta dados históricos e sociais sobre as relações diretas entre religião, educação e desenvolvimento no Rio Grande do Sul. Sobre os luteranos, Gertz esclarece que os imigrantes alemães eram mais teóricos que práticos:

Eram jovens que procuraram fazer a vida no Brasil e que, durante a segunda metade do século XIX, exerceram um papel muito importante como jornalistas, políticos, professores, isto é, como intelectuais, e ainda como empresários. Também eles se caracterizaram por não aderir sem mais nem menos ao catolicismo, mas estavam, igualmente, longe de ser luteranos piedosos. Sobre a comunidade de Porto Alegre, um pastor escreveu, no século XIX, que ela se compunha de ricos comerciantes e artesãos, que sem muita insistência se dispunham a contribuir para a manutenção da igreja. Na sua chegada, teriam, imediatamente, reunido dinheiro para embelezar o templo, mas do reino de Deus não queriam saber. No primeiro parágrafo dos estatutos da comunidade estaria escrito que ela é “evangélica, protestante, de livre religiosidade”¹¹.

Em 1920, em sua juventude, Erico Verissimo foi matriculado no extinto Colégio Cruzeiro do Sul (hoje Colégio IPA), um internato de orientação protestante de Porto Alegre. Por influência de seu pai, frequentou aulas mistas particulares da professora Margarida Pardelhas, onde encontrou muitos jovens e amigos judeus, o que reforça seu envolvimento com essas duas vertentes religiosas. Em *Solo de clarineta*, temos o seu retrato bem delineado, destacando-se que era solteirona, leitora de Diderot e Voltaire; não acreditava na existência de Deus, apesar de não passar aos seus alunos essa posição. Segundo Erico, na velhice, a professora converteu-se ao catolicismo.

Em contraponto, quando publicou seu romance *O resto é silêncio* (1943), o autor gaúcho recebeu fortes críticas do clérigo Leonardo Fritzen, do Colégio dos Jesuítas, o que desencadeou uma querela entre autor e padre, sob a influência da poderosa imprensa de *O Globo*, à qual Erico está vinculado.

¹¹ GERTZ, 2001, p. 18.



Como dissemos no início deste artigo, Érico Verissimo escreveu uma obra romanesca que, em muitos aspectos, se aproximaria do Realismo. Isso se justifica, em parte, pelas leituras que fizera dos autores oitocentistas do Brasil (Machado de Assis, Aluísio de Azevedo), de Portugal (Eça de Queirós) e da França (Balzac, Émile Zola). De outra parte, pela sua inquietude frente ao mundo e aos homens, buscando explicações e compreensão sobre a vida à sua volta. Em entrevista concedida a três alunos do ensino médio, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, o autor afirmou que sempre se interessou pelos problemas do homem, preferindo o habitante da cidade ao do campo. E confirmou sua tese de observação da realidade para a criação ficcional:

Inclino-me para a criatividade. Mas nenhum escritor pode criar do nada. Mesmo quando ele não sabe, está usando experiências vividas, lidas ou ouvidas, e até mesmo presentidas por uma espécie de sexto sentido. Estou convencido de que a criação literária se processa mais no inconsciente que no consciente¹².

Na biografia de Erico Verissimo, encontramos a informação de que seu pai, Sebastião Verissimo da Fonseca, era farmacêutico; e que um dos primeiros trabalhos do escritor, após a falência do negócio paterno, foi em sociedade com Lotário Muller, amigo da família. Em *Solo de clarineta*, vemos o retrato detalhado desse amigo, estudante de Medicina e prático de farmácia, com quem Erico conviveu tão proximamente, e que pode ter sido o modelo para a construção da personagem Gamaliel, o protestante do romance *Clarissa*:

Metodista, solteirão inveterado, dono de pequena casa própria, fortalhão, cara larga, cabelos ralos e louros, pele alva, boca de lábios finos, o nosso “alemão” era homem de leituras ecléticas, mas em geral bem informado. Sempre o achei um companheiro muito agradável e um de seus prazeres era contar histórias anedóticas de missionários metodistas, em geral americanos, (...) acabou transformando-se numa espécie de curandeiro, exercendo essa atividade entre os pobres, dos quais nada cobrava, aplicando injeções e tratando de casos sem maior gravidade. Tinha por todos nós iniludível afeto, o que não o impedia de ser um crítico mordaz de nossos erros e fraquezas¹³.

Como se pode notar, Erico Verissimo ressalta o espírito eclético do amigo, sua empatia para com os necessitados, o que não o impedia de fazer críticas aos erros e

¹² VERISSIMO, 1970.

¹³ VERISSIMO, 1974, p. 168.



fraquezas das pessoas com as quais convivia. Esse comportamento é bem frequente em religiosos de vertente protestante, e pode ser exemplificado na construção da personagem Gamaliel. Vez ou outra, discorda fervorosamente de Levinsky por causa do judaísmo e tenta chamar Amaro (outro morador da pensão da tia Zina), à conversão, propondo-lhe ensinamentos bíblicos e tentando levá-lo à igreja; convites a que o bancário e músico se furta, por não crer, assim como Erico, nas explicações simples que as religiões dão aos enigmas da existência humana.

O narrador expressa um ponto de vista que é comum a respeito de protestantes: tristes e solitários, porque, normalmente, não são voltados para gracejos, festas e divertimentos públicos. Nesse sentido, seu comportamento é comparado ao ostracismo de Amaro, o qual não será objeto de discussão neste trabalho:

De outra mesa Gamaliel intervém, pescoço espichado:

_O senhor diz *hoje* major. Mas seu Amaro anda *sempre* triste...

O major volta a cabeça para o prático de farmácia:

_O senhor também não é lá muito para que se diga, seu Gamaliel. Vive calado como o seu Amaro. Parecem até irmãos.

_ Sou quieto mas não sou triste. Não confunda tristeza com calma...¹⁴

Retomando a polêmica surgida durante o jantar, na já citada passagem do romance, depois de discutir com Nestor, o judeu Levinsky investe contra o protestante Gamaliel. Desta vez, não são as questões sociais que virão à tona, mas as divergências religiosas. Para o primeiro, Cristo não era o verdadeiro Messias, já para o segundo, essa crença de que o Messias já viera e fora crucificado para salvar a humanidade é inabalável. Defendendo seus pontos de vista, citam-se o Velho e o Novo Testamento:

Vozes diferentes que se cruzam e chocam no ar macio – vozes mansas, estridentes, sumidas, engasgadas, guturais, de mistura com o ruído de cadeiras que se arrastam, cristais e metais que retinem, tosses, pigarros. O judeu fuma. E a sua vizinha estrídula lhe sai da boca de mistura com as baforadas de fumaça que sobem ao teto, em espirais dum cinzento azulado. (...) No meio da leve cerração azulada que flutua no ar, a cabeleira do judeu é uma nota viva e fúlgida¹⁵.

Os convivas falam todos ao mesmo tempo, o que caracteriza essa polifonia e os contrastes: a adolescente Clarissa ouve apenas rumores, distraída em suas abstrações

¹⁴ VERISSIMO, 1997, p.25-26.

¹⁵ VERISSIMO, 1997, p. 58-59.



para fora do mundo da pensão; Tio Couto e o major Pombo falam sobre política; Ondina e Belinha discorrem sobre os galãs do momento no cinema hollywoodiano; Amaro, como sempre, alheio a tudo e a todos, na contemplação muda e platônica da adolescente; o Barata, em sua modorra de jiboia enfartada. Somente Levinsky e Gamaliel ganham real destaque narrativo, principalmente na caracterização do judeu, envolto em fumaça e aura vermelha, evocando, por associação, os campos de concentração nazista, naquela atmosfera cinzenta e azulada dos corpos queimados nas câmaras de gás.

Quando o narrador desfoca a cena, à semelhança de uma câmera cinematográfica, e os traz para o primeiro plano, judeu e protestante se irmanam em suas excentricidades, afastados daquele microcosmo fútil e sem grandes preocupações. Adotando a mesma postura de isenção, o narrador não dá ganho de causa a nenhum dos contendores, já que suas verdades possuem sentidos particulares, embasados em suas experiências de grupo. Judeus e protestantes são descendentes de uma mesma linhagem religiosa, com a diferença de que a crença na vinda do Messias é uma expectativa para aqueles, firmados no Pentateuco, ao passo que já é uma “realidade” para estes, crentes nos Evangelhos da graça redentora.

É assim que, no capítulo 15 de *Clarissa*, numa manhã, vemos Amaro envolvido com sua leitura de poesia, enquanto Gamaliel sai da pensão com a sua roupa domingueira e a Bíblia debaixo do braço. Os dois iniciam um diálogo, por meio do qual o leitor acompanha a ironia e a descrença de Amaro quanto à religião, preferindo os poetas a missa alguma; por outro lado, vê a insistência do protestante em tentar converter Amaro ao Evangelho e salvar a sua alma, citando-lhe, por último argumento, João capítulo 14, versículo 6: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”: “E Amaro tem a impressão de que um bando de anjos rechonchudos seguem, protetores, o prático de farmácia, volitando ao redor de sua cabeça¹⁶.

Enquanto Gamaliel se preocupa, ao menos teoricamente, com as citações bíblicas e a possível conversão de alguém da pensão, Levinsky porta um discurso revolucionário socialista. Em discussão com o Tio Couto e com o major Pombo, apresenta-lhes *A doutrina*, livro de Marx, de grandes letras vermelhas. Segundo o judeu, esta é a Bíblia do homem moderno, e somente o comunismo poderia salvar o mundo. E exemplifica:

_ Temos aqui vários exemplos dos erros do nosso regime... Aqui do lado (aponta para a casa de D. Tatá) mora uma pobre viúva que trabalha todo o dia e toda a noite e que não tem dinheiro nem para comprar leite para o filho doente...

¹⁶ VERISSIMO, 1997, p. 90.



Faz uma pausa curta, sacode a juba. Depois, apontando para a casa do outro lado, exclama, num tom teatral:

_Pois ali naquele palacete mora um homem rico, que tem dinheiro no banco, que tem muitos filhos que andam bem vestidos e bebem bastante leite. Um homem que tem uma casa, rica, cheia de quadros, de vasos, de tapetes, de rádios, de vitrolas, gatos, cachorros. Agora eu pergunto: isto está direito? Isto é justo?¹⁷

Ingenuamente, o Tio Couto afirma que é justo sim, porque o próprio Cristo afirmou que sempre haveria pobres, desencadeando a ira do Judeu, que expressa indignado: “_ Mas quem é Cristo?” Tia Eufrazina entra no diálogo em defesa do cristianismo e o judeu se retira da discussão. Levinsky é leitor de Karl Marx, provavelmente conhecia o ensaio *Sobre a questão judaica* (1843), em resposta a outro ensaio de Bruno Bauer sobre *A capacidade dos judeus e dos cristãos de se tornarem emancipados* (1843). Em linhas gerais, Marx discordava de Bauer quanto à exigência do ateísmo como forma de acesso à cidadania, aos direitos civis igualitários providos pelo Estado. Para Marx, os direitos do homem não o libertam da religião, mas garantem-lhe a liberdade de religião. Daniel Bensaïd, no prefácio do ensaio de Marx, para reedição de 2010, comenta que,

[d]iferentemente de Bauer, que não a consente, Marx apoia a emancipação política dos judeus sem exigir que renunciem à sua religião, pois as religiões somente poderiam se extinguir junto com a “miséria real” contra a qual protestavam e a “necessidade de ilusões” com a qual reagiam¹⁸.

A crítica da religião, em Marx, visa privar o homem de suas ilusões, frustrá-lo para que ele pense e aja, transformando a realidade, gravitando como um sol em torno de si próprio, do seu ser real. Propõe, portanto, a entrada do proletariado na cena filosófica como condição da possibilidade da emancipação do homem, considerado o comunismo político ou democrático, por meio do qual se chegará à abolição da propriedade privada. Enquanto Bauer via a emancipação de judeus e cristãos a partir do ateísmo – negação abstrata de Deus – para se chegar ao seu humanismo crítico, Marx propõe o comunismo como sua negação concreta: “Ele vai à raiz das coisas e procura acabar praticamente com um mundo de frustrações e de misérias das quais surge a necessidade de consolo divino¹⁹.”

¹⁷ VERISSIMO, 1997, p. 108.

¹⁸ BENSAÏD, *In*: MARX, 2010, p. 21.

¹⁹ BENSAÏD, *in* MARX, 2010, p. 29.



Levinsky estaria ensaiando, pois, esses passos em direção à emancipação judaica; primeiro, porque não é ateu, não nega a sua religião de origem, nem se converte à religião do outro; segundo, porque prega ideais comunistas a partir da sua formação em Direito Privado Internacional e pelas leituras marxistas que empreende, a ponto de tornar-se um homem crítico da realidade que o circunda, e sobre a qual tenta abrir os olhos das pessoas com as quais convive. Ainda assim, é um homem como qualquer outro homem, já que termina o curso e sai da pensão sem acertar as contas devidas à Tia Zina.

É uma personagem complexa, redonda, no dizer de Candido, referido no início deste trabalho. Outra informação que aguça nosso interesse por ele é que, quando o estudante de Medicina – considerado um maricas, um afeminado, alvo de críticas preconceituosas por parte de quase todos os moradores da pensão – não está passando bem, é Levinsky quem solicita à cozinheira que lhe mande o café no quarto. Em outro momento da narrativa, já finalizando o romance, o narrador nos informa que o judeu foi-se embora, formado, e, na mesma cena, acrescenta que Zezinho também “azulou duma hora para outra”²⁰, inesperadamente, abandonando o seu curso. Tratar-se ia de uma amizade homoafetiva ou de mera empatia entre dois jovens considerados marginalizados e perseguidos ideologicamente pela sociedade interioriana e preconceituosa?

Finalizando essas discussões neste artigo, Erico Verissimo apresenta diversos contrapontos narrativos na composição das personagens, sem pretender posicionar-se a favor de um ou de outro, ficando mesmo a cargo do leitor fazer as suas reflexões e extrair as suas conclusões. O romance termina em tempos de férias escolares: Clarissa volta para a casa dos pais, alguns estudantes vão-se embora e a pensão vai-se esvaziando, na esperança de que D. Zina tenha novos hóspedes no próximo ano, oferecendo ao narrador novos elementos para a composição de outras histórias que serão contadas nos romances posteriores.

Referências

CHAVES, Eduardo dos Santos. “Por detrás dos bastidores: a história de vida de Maurício Rosenblat”. *Web Mosaica* : revista do instituto cultural judaico Marc Chagall, v.5, n.1, jan-jun. 2013.

BENSAÏD, Daniel. Prefácio. In: MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. Tradução de Daniel Bensaïd, Nélio Schneider e Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

BORDINI, Maria da Glória. Herbert Caro nas cartas de Erico Verissimo. *Revista Contingentia*, vol. 2, p. 15–22, mai. 2007.

²⁰ VERISSIMO, 1997, p. 178.



CANDIDO, Antonio et all. "A personagem de ficção". São Paulo: Perspectiva, 1976.

GERTZ, René E. Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2: p. 9-33, inverno, 2001.

SILVA, Adalgício José. *O imigrante judeu na obra de Erico Verissimo: e seu papel na formação da sociedade brasileira*. (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo: USP, 2007.

VERISSIMO, Erico. Entrevista. *Folha de S.Paulo*. 7 jun. 1970. Disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/entericoverissimo.htm>. Acesso em: 16 nov. 2019.

VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta: memórias*. V.1. Porto Alegre: Globo, 1974.

VERISSIMO, Erico. *Clarissa*. Rio de Janeiro: Globo, 1997.

Recebido em: 15/8/2023.

Aprovado em: 12/9/2023.